

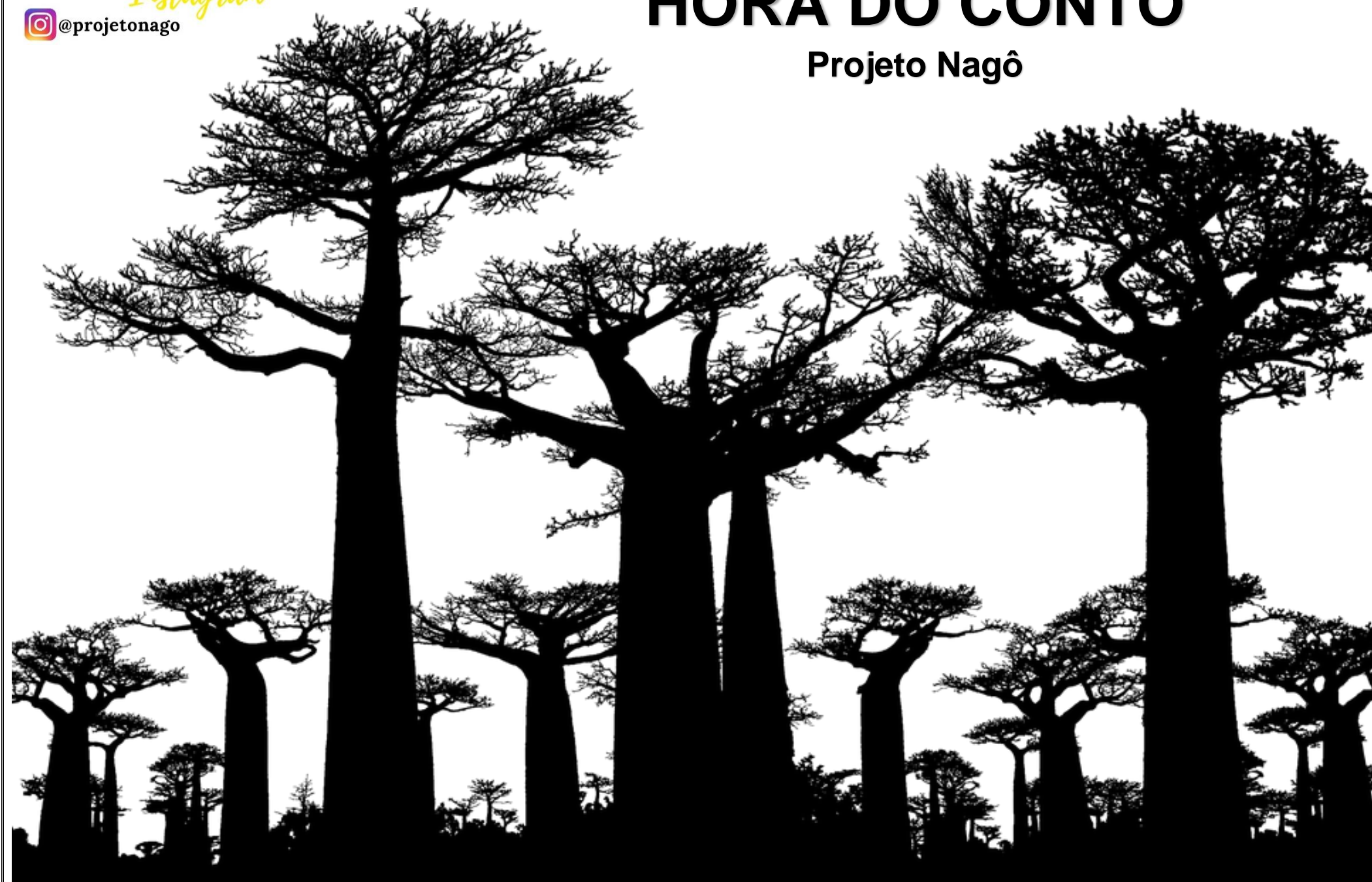
SIGA-NOS NO

Instagram

 @projetonago

HORA DO CONTO

Projeto Nagô



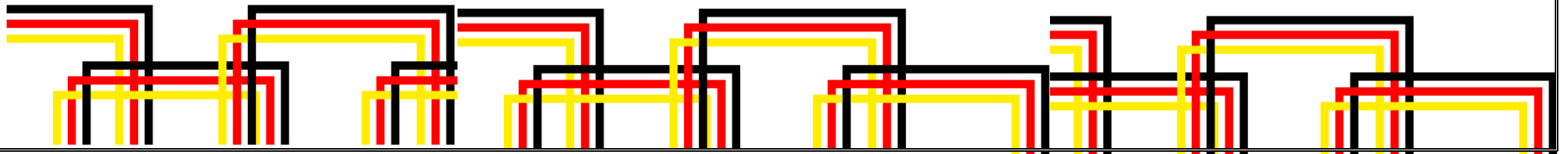


SOBRE O AUTOR

Os Ashanti

Os Ashanti são um importante grupo étnico de Gana, na África Ocidental. Trata-se, em realidade, de um antigo Império instituído pelo povo Akan por volta do século XIII, e que se estendia desde a Gana Central até o Togo. Trata-se de um povo de forte tradição militarista, historicamente conhecido pela bravura de seus combatentes. Fruto desse ethos guerreiro, o aperto de mão entre os Ashanti é dado com a mão esquerda, e não com a direita: quando armados, os guerreiros seguram a lança com a mão direita e o escudo com a esquerda, portanto, para cumprimentar alguém, é preciso depor o escudo, ficando-se desprotegido. Assim, o aperto de mão dos Ashanti é sinal de grande confiança. Os Ashanti são um dos poucos grupos matrilineares da África. Eles acreditam que as crianças herdam o espírito do pai, mas da mãe recebem a carne e o sangue e, assim, a descendência segue pela linha materna. A sociedade Ashanti é regida por clãs e, tradicionalmente, a extensa família vive junta e em casas próximas, que são construídas em torno de um pátio onde se desenrola a vida em comum. O mais importante tesouro Ashanti é o Banco de Ouro, vindo do céu. Conta-se que o Banco teria descido do céu no Século XVII e pousado sobre o colo do Rei Osei Tutu I, por invocação do sacerdote Okomfo Anokye. Nesta ocasião, ocorria uma reunião de todos os chefes de clãs Ashanti, para decidir a sua independência de Denkyra. Assim, e Osei Tutu I foi declarado Asantehene, o rei de toda a nação, que sairia vitoriosa da guerra contra Denkyra, conquistando definitivamente sua independência. O Banco de Ouro é um símbolo da nação Ashanti, que contém o sumsum, a alma do povo, e é o símbolo de sua unidade. Esse objeto é mantido com todo o rigor e segurança, e só é mostrado ao público em ocasiões especiais, nas quais jamais pode entrar em contato com a terra, devendo sempre ser apoiado sobre a pele de um animal, como o leopardo, ou colocado sobre um trono. Ninguém jamais teria se sentado sobre o banco, o que seria considerado um sacrilégio. Apenas o rei, sacerdotes e alguns poucos conselheiros de confiança sabem onde está guardado.

FONTE: Assim vivem os homens. Vol 2. Contos Africanos. P -13



A história das histórias

Há muito tempo atrás, as pessoas não tinham nenhuma história. À noite, as crianças sentavam-se em torno das fogueiras, chegavam para os velhos e pediam:

- Conta-nos uma história!

Mas eles não podiam contar.

- As histórias – diziam – pertencem todas a Nyame, o Deus do Céu¹, e ele as guarda no seu baú de ouro, ao lado do seu trono dourado.

Um dia, Ananse², o tecelão da aldeia, decidiu que iria subir até o céu para negociar as histórias. Então ele levantou cedo – ele que não costumava levantar cedo – e começou a preparar a sua teia: a primeira ponta ele prendeu num fio de grama, a segunda ponta prendeu nas copas das árvores, a próxima ele prendeu numa nuvem, a próxima prendeu na lua, a próxima prendeu numa estrela e a última prendeu nos portões dourados do Deus do Céu. Subiu.

Quando chegou, o Deus do Céu, sentado no seu banco dourado³, gordo e risonho, perguntou:

- O que você deseja, Ananse, pequena aranha? Por que você fez uma viagem tão longa da terra até o meu palácio?

E Ananse disse:

- Eu desejo comprar as suas histórias.

O Deus do céu deu uma gostosa gargalhada e disse:

- As minhas histórias são muito caras! Ninguém jamais pode pagar o preço por elas. Eu as guardo no meu baú dourado, ao lado do meu trono de ouro, e nem os meus ministros se aproximam delas. O que você tem, pequena aranha, para me oferecer em troca das minhas histórias?

¹ Na Mitologia Ashanti, Nymae ou Nyankopom é o principal deus de seu panteão. É casado com Asase Yaa, a Deusa da Terra e da Fertilidade, e tem dois Ihos, Bia e Tano. Desde que parte da população adotou o cristianismo, Nymae corresponde ao Deus Judaico-Cristão.

² Kwaku-Ananse é uma figura presente em histórias de diferentes regiões da África, em histórias que abordam a esperteza desta personagem, que através de artimanhas tenta conseguir o que pretende.

³ Acredita-se que o Banco de Ouro dos Ashanti (vide Introdução) é semelhante em forma àquele que está assentado Nymae.

Mas Ananse disse:

- Faça o seu preço.

O Deus do Céu coçou o queixo e respondeu:

- O preço pelas minhas histórias são quatro coisas: eu quero que você me traga os Marimbondos que picam como fogo, o Leopardo dos dentes terríveis, a Fada que nenhum homem jamais viu e a Grande Serpente.

Ananse fez uma reverência e voltou. Quando chegou à aldeia, todos estavam muito curiosos e queriam saber o que é que o Deus do Céu havia dito. Ananse contou e todos ficaram desolados. O preço que o Deus do céu cobrava era impossível de se pagar! Mas Ananse não se preocupou. Foi para casa e conversou longamente com Aso, a sua esposa e, à noite, Aso teve uma ideia.

No dia seguinte, os dois saíram para a mata. Ananse levava com ele uma grande folha de palmeira. Entraram na mata, estenderam a folha, e os dois começaram a conversar, ele e a sua esposa, como se estivessem discutindo:

- É maior! – dizia Aso. Não, é maior! – dizia Ananse. É claro que não, é muito maior! – dizia Aso. Não, é maior! – dizia Ananse.

Nisso, Niasi, a Grande Serpente, veio deslizando, aproximou-se dos dois e perguntou:

- O que é maior?

Ananse respondeu:

- Eu encontrei essa folha de palmeira muito grande e minha esposa acredita que essa folha é maior do que você, mas eu digo que não, você é maior do que a folha! É claro que você é maior!

- Não, é maior!

- Não, é maior!

Continuaram os dois a discutir. A serpente, vaidosa, e também com curiosidade, disse:

- É muito fácil perceber quem é maior! – e se estendeu sobre todo o comprimento da folha.

Quando fez isso, Ananse pegou cipós, amarrou a serpente toda envolvida na folha e disse:

- Agora Niasi, você está pronta para se encontrar com o Deus do Céu.

Levaram a serpente e penduraram no galho de uma árvore próxima da casa de Ananse. Todos na aldeia ficaram muito surpresos, mas esse era apenas o primeiro dos preços, faltavam os outros três... como ele iria fazer? Ananse não se preocupou. Foi para casa e ele e sua esposa conversaram bastante a noite toda, até que criaram um plano. No dia seguinte, Ananse saiu e disse:

- Eu vou hoje capturar Osebo, o Leopardo dos Dentes Terríveis!

- Mas como? – disseram – nem o maior dos caçadores consegue sequer se aproximar desse animal! Quem irá conseguir pegá-lo?

Mas Ananse disse:

- Eu tenho um plano!

Ele foi para a mata e levou consigo algumas voltas de cipó pendurado no ombro. Caminhou, caminhou, procurando pelo leopardo. Até que, de repente, ele encontrou. Ou melhor, ele foi encontrado! Porque Osebo pulou na frente de Ananse, abrindo sua boca terrível, mostrando aqueles dentes muito brancos, dizendo:

- Agora velho, chegou a hora de você morrer!

Ananse apenas disse:

- O que tiver de ser, será... Mas seria uma pena se você me devorasse justo hoje, porque eu acabo de criar um jogo novo, e ainda não tive tempo de ensinar a ninguém...

- Que jogo é esse? – Quis saber Osebo.

- É o desafio do nó mais forte.

- E como se joga?

- Com cipós! Funciona assim: você me estende os braços, e eu amarro. Você se solta. Se você conseguir se soltar, é a sua vez. Quem não conseguir soltar-se, perdeu.

- Muito bem! Quero jogar!

Ananse, então, esvaziou o que restava da água de sua cabaça e disse:

- Eu tenho aqui um lugar seco para vocês!

Os marimbondos entraram todos na cabaça e Ananse, usando a mesma folha da palmeira, tampou a entrada e disse:

- Agora Mboro, vocês estão prontos para se encontrar com o Deus do Céu.

Voltou para a aldeia e prendeu a cabaça no mesmo galho da mesma árvore onde já estavam a Serpente e o Leopardo. Todos na aldeia ficaram muito surpresos, mas ainda faltava o pior dos desafios! Quem conseguiria capturar a Fada que nenhum homem jamais viu? Ananse não se preocupou. Voltou para casa, e conversando com Aso, criou um plano.

No dia seguinte ele saiu. Desta vez levou consigo uma boneca coberta com a cola da seringueira.

Levou um prato com mingau de inhame, sem sal – porque todo mundo sabe que as fadas não comem comida com sal⁴ – e foi para a mata. Caminhou, procurando, até que encontrou um Flamboyant – porque todo mundo sabe que à noite as fadas gostam de dançar embaixo dos flamboyants! Ele colocou então no pé do flamboyant a tigela com o mingau e a boneca sentada na frente dele. Teceu então uma das suas teias. Prendeu uma ponta na nuca da boneca, a outra ponta, Ananse segurava na sua mão, e ele mesmo ficou escondido atrás de um arbusto. E esperou... e esperou... esperou até que o sol começou a baixar. Naquele lusco-fusco, nem dia, nem noite, que, como todo mundo sabe, é a hora em que as fadas vêm dançar embaixo do Flamboyant⁵.

Quando Ananse estava quase adormecendo, ele viu Moatia, a fada que nenhum homem jamais havia visto. (Porque é só quando a gente está quase adormecendo que consegue enxergar as fadas!) E ela veio dançando, dançando, dançando... e viu a boneca com o prato de mingau. Ela se aproximou curiosa, olhou e disse:

- Bebê de borracha, esse seu mingau parece tão gostoso, eu posso provar um pouquinho?

⁴ Nessa região da África é corrente a ideia de que a fadas se alimentam exclusivamente de comida sem sal.

⁵ O nome Flamboyant, (delonix régia), de origem francesa, reporta-se às -ores vermelho-vivas da árvore, que, avistadas ao longe, faziam crer aos observadores que havia um incêndio na mata. Nessa região da África acredita-se que as fadas gostam de dançar debaixo dos Flamboyants ao entardecer.

Ananse, escondido atrás da moita, deu uma puxadinha na teia, e a boneca balançou a cabeça como se fizesse que sim. A fada se serviu, e gostou tanto do mingau que disse:

- Bebê de borracha, posso comer mais um pouquinho?

Ananse novamente puxou a teia e a boneca novamente fez que sim. E novamente a fada comeu, e comeu, e comeu todo o mingau.

Quando terminou, até um pouco envergonhada, a fada disse:

- Obrigada por me deixar comer o seu mingau.

Mas Ananse, atrás da moita, não puxou a teia, e a boneca ficou parada.

- Bebê de borracha, eu estou falando com você!

Mas a boneca continuava imóvel

- Bebê de borracha, sabia que você está sendo muito malcriada?!

Desta vez, Ananse puxa a teia, e a boneca faz que sim com a cabeça. Então a fada ficou irritada:

- Bebê de borracha, você quer que eu lhe dê um tapa para que você aprenda a ser educada?

Ananse puxa a teia e a boneca faz que sim com a cabeça. Aquilo era demais! A fada deu um tapa na bochecha da boneca e a sua mão se colou na cola da seringueira, deixando a fada ainda mais irritada:

- Bebê de borracha, se você não soltar a minha mão, eu lhe dou outro tapa!

E a fada deu outro tapa e sua outra mão também ficou presa. A fada, desesperada, tentou se soltar com os pés; tentou se soltar de todo jeito, e a boneca se desmanchou inteira, já nem se reconhecia, era só aquela bola de cola, na qual a fada ficou toda colada. Ananse então se aproximou e usando a mesma teia, prendeu a fada e disse:

- Agora Moatia, você está pronta para se encontrar com o Deus do Céu.

E ele voltou para a aldeia. No dia seguinte, começou a fazer a sua teia: a primeira ponta, ele prendeu num fio de grama, a segunda ponta, prendeu nas copas das árvores, a próxima ele prendeu numa nuvem, a próxima prendeu na lua, a próxima numa estrela, e a última prendeu nos portões dourados do Deus do Céu. E subiu, puxando Moatia, a Fada que Nenhum Homem Jamais Viu, Mboro, os Marimbondos que Picam como Fogo, Osebo, o Leopardo dos Dentes Terríveis, e Niasi, a

Grande Serpente. E apresentou todos os prêmios para Nyame, o Deus do Céu, que, sentado no seu trono dourado, apenas olhava e sorria. Então, ele chamou todos os seus Ministros e disse:

- Vejam! Os mais fortes, os mais ricos, os mais poderosos não pagaram o preço pelas minhas histórias, mas Ananse, a Pequena Aranha, acreditou que poderia, e fez. Agora, eu quero que todos vocês cantem em homenagem a Ananse!

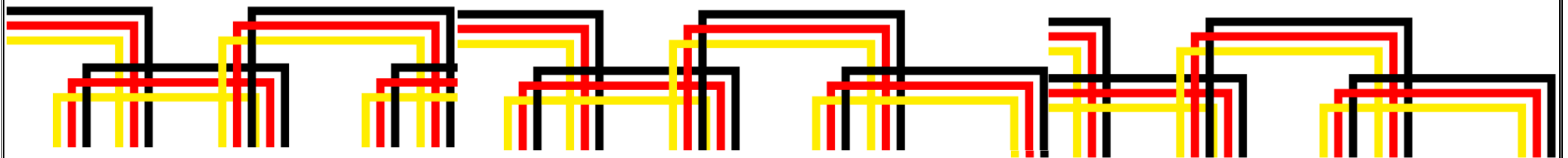
E todos os Ministros do Deus do Céu zeram uma batucada.

Então, o Deus do Céu entregou o baú dourado para Ananse e disse:

- O baú todo lhe pertence. Todas as histórias são suas. Daqui para sempre, elas serão conhecidas como “As histórias da Aranha”!

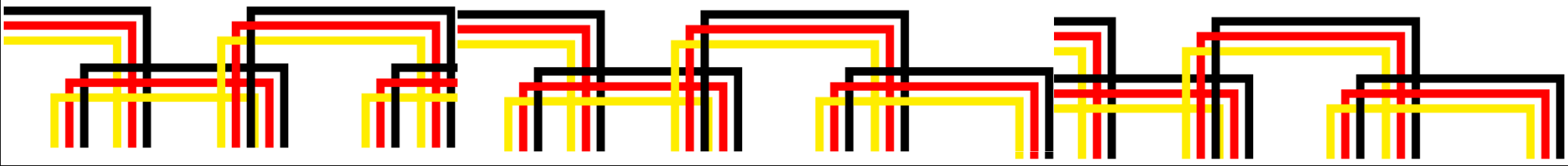
Ananse desceu levando o baú. Quando chegou à aldeia, abriu, e tirou uma história. E contou para alguém. Depois tirou outra história, e contou também. Mas a medida que ele contava as histórias, e dava as histórias, elas continuavam com ele, e iam com o outro também. Porque as histórias são assim: quando eu entrego uma história para alguém, essa pessoa tem uma história, mas ela continua sendo minha também!

E foi assim que as histórias da Aranha, as histórias de Kwaku Ananse, se espalharam por toda a África, e cruzaram os oceanos, e chegaram à Europa, chegaram à Ásia, chegaram às Américas, chegaram ao Brasil, chegaram aqui, e agora chegaram até você!





MULTIMÍDIA





PROJETO NAGÔ

SOBRE O PROJETO NAGÔ

Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES

O projeto é uma ação de pesquisa e extensão do Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES, que trabalha com a formação de professores em perspectivas voltadas aos Direitos Humanos. Em sua quarta edição, após discutir questões voltadas a étnico-racialidade (2017), gênero e sexualidade (2018), o projeto Nagô propõe a aprendizagem de práticas pedagógicas com a literatura infanto-juvenil para a promoção de uma educação antirracista. O projeto tem como objetivo trabalhar com obras da literatura infanto-juvenil, proporcionando discussões sobre questões que envolvam o combate ao racismo, bem como de valorização da cultura, religião, língua e identidade afro. A metodologia consiste em giras de conversa, mediadas pelo professor coordenador, conjuntamente com seu grupo de pesquisa e com os integrantes de maneira geral. Para tanto, as giras são divididas em duas frentes: **a) discussão teórica**, composta por debates que problematizam a educação étnico-racial, a decolonialidade e os Direitos Humanos; e **b) discussão literária**, que abordará os diálogos referentes a textos de diversos gêneros da cultura ibero-americana.

